

COVID 19 E SEUS EFEITOS SOBRE O MERCADO DE TRABALHO NOS EUA

Denis Maracci Gimenez

Marcio Pochmman

Tomás Rigoletto

No dia 8 de maio de 2020, o *Bureau of Labor Statistics* (BLS) divulgou o seu relatório mensal sobre o mercado de trabalho norte-americano, *The Employment Situation*¹. Os dados disponibilizados referentes ao mês de abril, apresentam o maior aumento do desemprego e a maior queda do nível de emprego, em apenas um mês, em toda a série histórica, iniciada em 1948. No mês anterior, os dados compilados pelo BLS e pelo *Department of Labor* (DOL) já prenunciavam a gravidade da situação. Os impactos preliminares demonstravam crescimento espantoso dos pedidos de seguro desemprego, com mais de 30 milhões de pedidos em seis semanas, fenômeno que veio acompanhado de uma queda brusca no nível total de emprego. Se havia alguma dúvida sobre a profundidade da crise que se projetava sobre o mercado de trabalho, ela se dissipou. A grande questão, neste momento, parece ser até quando a crise avançará.

Tabela 1 – Evolução do mercado de trabalho nos EUA: 2007-2020*

Ano	2007	2009	2010	2015	2019	2020**	2007-2020		2019 – 2020 (abril)	
							n.	%	n.	%
Força de trabalho	153.918	153.111	153.650	158.035	164.556	156.481	2.563	1,7	-8.075	-4,9
Taxa de participação (%)	66,0	64,6	64,3	62,7	63,2	60,2	-5,8 ¹	n/a	-3,0 ¹	n/a
<i>Empregados</i>	146.273	138.013	139.301	150.128	158.803	133.403	-12.870	-8,8	-25.400	-16,0
Homens	78.307	72.605	73.597	79.714	84.034	71.916	-6.391	-8,2	-12.118	-14,4
Mulheres	67.967	65.409	65.704	70.414	74.769	61.487	-6.480	-9,5	-13.282	-17,8
Relação emprego/população (%)	62,7	58,3	58,3	59,6	61,0	51,3	-11,4 ¹	n/a	-9,7 ¹	n/a
<i>Desempregados</i>	7.645	15.098	14.348	7.907	5.753	23.078	15.433	201,9	17.325	301,1
Homens	4.176	8.898	8.217	4.280	3.015	11.223	7.047	168,8	8.208	272,2
Mulheres	3.469	6.200	6.131	3.628	2.738	11.855	8.386	241,7	9.117	333,0
Fora da força de trabalho ²	79.238	83.813	85.240	93.901	95.625	103.415	24.177	30,5	7.790	8,1
Homens	30.369	33.225	33.917	37.678	38.803	42.569	12.200	40,2	3.766	9,7
Mulheres	48.869	50.588	51.323	56.223	56.822	60.847	11.978	24,5	4.025	7,1

(*). Dados em milhares. Todos os dados, com exceção do ano de 2020, dizem respeito a mês de dezembro de cada ano, ajustados sazonalmente.

(**): Para o ano de 2020, os dados são do mês de abril, ajustados sazonalmente.

(1). Diferença contabilizada em pontos percentuais.

(2.) Em “fora da força de trabalho” considera-se todos aqueles que não querem um trabalho, pois não estão disponíveis para trabalhar (incapacitado ou não); e aqueles que querem um trabalho, mas desistiram de procurar emprego (desalentados).

Fonte: Elaboração própria a partir de *Employment Situation - Bureau of Labor Statistics* (BLS)

¹ The Employment Situation. Bureau of Labor Statistics. U.S Department of Labor. Abril, 2020. Disponível em <https://www.bls.gov/news.release/pdf/empsit.pdf>. Acessado em 09/05/2020

De início, a força de trabalho norte-americana apresentou entre dezembro de 2019 e abril de 2020 queda de 4,9%. Mais de 8 milhões de trabalhadores saíram do mercado de trabalho. A taxa de participação, que vinha em trajetória de queda, desde 2007, teve diminuição brusca de 3 pontos percentuais desde o final de 2019. O número de empregados retrocedeu 8,9% em relação a 2007, ano que antecedeu a crise financeira. Em relação ao final de 2019, a diminuição dos empregos chegou a 14,4% para os homens. Para as mulheres, a diminuição do nível de emprego chegou a 17,8%. A relação emprego/população, entre dezembro de 2019 e abril de 2020, diminuiu incríveis 9,6 pontos percentuais, se aproximando da metade da população.

O desemprego, entre dezembro de 2019 e abril de 2020, registrou crescimento de mais de 300%. Ao estoque de desempregados foram incorporando 17,3 milhões de novos desempregados. Todos sofreram, mas o desemprego entre as mulheres subiu mais rapidamente. O desemprego cresceu 272% entre os homens e 333% entre as mulheres. Mais de 9,1 milhões de mulheres ficaram desempregadas nos EUA desde o final de 2019.

Por fim, chama a atenção que no período recente, entre dezembro de 2019 e abril de 2020, quase 8 milhões de pessoas foram incorporadas ao grupo “fora da força de trabalho”. Isso equivale a 1/3 do total de 24,1 milhões de pessoas incorporadas a esse grupo desde 2007.

Nota-se, portanto, que os dados do mês de abril divulgados pelo BLS apresentam situação alarmante para o mercado de trabalho. Simultaneamente, queda expressiva do número de trabalhadores na força de trabalho, queda forte do emprego, explosão do desemprego (mais entre as mulheres) e brutal expansão da inatividade, expressa pelo crescimento do contingente fora da força de trabalho. A explosão do desemprego, face mais evidente da crise, pode ser vista em todas as estimativas feitas pelo BLS.

Tabela 2 – EUA, estimativas de mensuração do desemprego: 2007-2020*

Ano	2007	2008	2009	2010	2015	2019	2020	2007-2020 (p.p)	2019-2020 p.p.
U1	1,6	2,9	5,8	5,6	2,1	1,2	1,1	-0,5	-0,1
U2	2,5	4,3	6,3	5,7	2,4	1,6	13,2	10,7	11,6
U3	5,0	7,3	9,9	9,3	5,0	3,5	14,7	9,7	11,2
U4	5,2	7,7	10,4	10,1	5,4	3,7	15,1	9,9	11,4
U5	5,8	8,4	11,3	10,8	6,1	4,2	16,0	10,2	11,8
U6	8,7	13,5	17,1	16,6	9,8	6,7	22,4	13,7	15,7

(*). Dados percentagem. Todos os dados, com exceção do ano de 2020, dizem respeito a mês de dezembro de cada ano, ajustados sazonalmente. Para o ano de 2020, os dados são do mês de abril, ajustados sazonalmente.

Elaboração própria a partir de *Bureau of Labor Statistics* (BLS)

U-1 - Pessoas desempregadas 15 semanas ou mais, como percentagem da força de trabalho civil;

U-2 - Aqueles que perderam o empregos e pessoas que concluíram empregos temporários, como percentagem da força de trabalho civil;

U-3 - Total de desempregados, como um percentual da força de trabalho civil (considerada a taxa oficial de desemprego);

U-4 - Total de desempregados mais trabalhadores desalentados, como um percentual da força de trabalho civil mais trabalhadores desalentados;

U-5 - Total de desempregados, além de trabalhadores desalentados, além de todos os outros trabalhadores marginalmente vinculados, como um percentual da força de trabalho civil; e

U-6 - Total de desempregados, mais todos os trabalhadores marginalmente vinculados, mais o total de empregados *part-time* por razões econômicas e os desalentados, como um percentual da força de trabalho civil

O BLS desenvolveu várias estimativas para o desemprego nos EUA, considerando a heterogeneidade de situações em um mercado de trabalho altamente flexível. A taxa oficial de desemprego, a *Unemployment 3* (U3) saltou de 3,5% em dezembro de 2019 para 14,7%. Um crescimento muito significativo que considera, grosso modo, o desemprego aberto, tal como expresso no Brasil nas estatísticas do IBGE. Todavia, a taxa de desemprego mais ampla, *Unemployment 6* (U-6), que procura captar não somente o desemprego aberto, mas todos os trabalhadores marginalmente vinculados a força de trabalho, empregados *part-time* por razões econômicas e desalentados, subiu de 6,7% para incríveis 22,4% no mesmo período (15,7 p.p.). Por esse critério, aos 11 milhões de desempregados em dezembro de 2019, foram acrescidos 24 milhões de novos desempregados, totalizando mais de 35 milhões de trabalhadores no desemprego aberto ou subutilizados em abril de 2020. Com diferenças metodológicas importantes, essa estimativa mais ampla expressa aquilo que no Brasil o IBGE procura abrigar em sua taxa de subutilização da força de trabalho.

Considerando apenas o último mês, sob o impacto direto da COVID 19, é possível dimensionar melhor a gravidade da situação. A taxa oficial de desemprego (U-3) em 14,7% é a mais alta taxa mensal já registrada pelo Bureau em toda a série histórica, iniciada em 1948. Entretanto, pelas características do mercado de trabalho norte-americano, a U-6 expressa de forma mais clara os acontecimentos relativos ao desemprego e à subutilização da força de trabalho. Entre março e abril de 2020, o desemprego expresso por essa medida saltou de 8,7% para os 22,4%, ou seja, de 14,1 milhões de desempregados para os 35 milhões. Em apenas um mês, foram 21 milhões de novos desempregados. Esse crescimento da taxa de desemprego, salienta o BLS em seu *The Employment Situation*, também foi o maior crescimento mensal já registrado desde o início da série histórica. Em abril de 2020, portanto, mais de um quinto da força de trabalho norte-americana estava desempregada ou subutilizada de alguma forma. São números que superam muito os impactos da crise de 2008 sobre o desemprego.

Como a intensidade da crise pode ser vista pela ótica do emprego? Em primeiro lugar, devemos considerar que, entre março e abril de 2020, deixaram a força de trabalho norte-americana 6,4 milhões de trabalhadores e que o emprego total caiu 8%. Considerando o conjunto do emprego não agrícola, foram fechados 20,5 milhões de postos de trabalho em apenas um mês. Em que pese o fechamento de 1 milhão de postos de trabalho no governo americano, quase a totalidade nos governos locais e estaduais, a queda ficou concentrada no emprego privado, onde 19,5 milhões de postos de trabalho foram fechados.

A produção privada fechou 2,3 milhões de postos de trabalho, com destaque para a retração de 12,8% na construção e 10,4% na manufatura. Todavia, grande parte do fechamento de postos de trabalho concentrou-se nos serviços privados. Desapareceram 17,1 milhões de empregos, o que representa queda de 15,9% em trinta dias. A queda de 46,8% dos empregos em lazer e entretenimento, ou 7,6 milhões de empregos, se revela extraordinária. Isso foi determinado pela eliminação de mais de 6,3 milhões de empregos em serviços de alojamento e alimentação e de mais de 1 milhão de empregos ligados às artes e ao entretenimento. A queda de 3 milhões de empregos no comércio, transporte e utilidades, com destaque para o fechamento de 2,1 milhões de postos de trabalho no comércio varejista, também merece destaque, conforme a tabela 3.

Tabela 3 – EUA - emprego em setores selecionados, março/abril, 2020

(em milhares e variação %)

	março de 2020 (A)	abril de 2020 (B)	B-A (000')	Variação (%)
EMPREGO NÃO AGRÍCOLA	151.572	131.072	-20.500	-13,5%
Emprego Privado	128.855	109.335	-19.520	-15,1%
Produção	21.131	18.776	-2.355	-11,1%
Construção	7.606	6.631	-975	-12,8%
Manufatura total	12.818	11.488	-1.330	-10,4%
Bens duráveis	8.038	7.124	-914	-11,4%
Bens Não duráveis	4.780	4.364	-416	-8,7%
Serviços privados	107.724	90.559	-17.165	-15,9%
Comércio, transporte e utilidades	27.776	24.719	-3.057	-11,0%
Atacado	5.931	5.568	-363	-6,1%
Varejo	15.627	13.520	-2.107	-13,5%
Transporte	5.670	5.086	-584	-10,3%
Informação	2.890	2.636	-254	-8,8%
Atividades financeiras	8.842	8.580	-262	-3,0%
Profissionais e serviços em negócios¹	21.460	19.332	-2.128	-9,9%
Educação e serviços de saúde	24.485	21.941	-2.544	-10,4%
Lazer e entretenimento	16.368	8.715	-7.653	-46,8%
Governo	22.717	21.737	-980	-4,3%
Federal	2.886	2.887	1	0,0%
Governos estaduais	5.153	4.973	-180	-3,5%
Governos locais	14.678	13.877	-801	-5,5%

Fonte: Bureau of Labor Statistics (BLS - www.bls.gov). Elaboração própria. Dados com ajuste sazonal

(1) Inclui um amplo campo de atividades que passa por advogados e engenheiros até trabalhadores em limpeza.

Não podemos deixar de destacar que, em meio à pandemia, o emprego em educação e serviços de saúde caiu 10,4%, ou seja, foram fechados 2,5 milhões de postos de trabalho. Todos os segmentos desse setor perderam postos de trabalho entre março e abril de 2020 nos EUA. Desse volume, 500 mil empregos foram fechados no setor da educação e 2 milhões no setor de cuidados à saúde e assistência social. Uma queda de 10,1%. O que determinou esse comportamento do emprego no setor da saúde e assistência social em plena pandemia? Por um lado, a queda foi determinada pelo fechamento de 650 mil postos de trabalho em assistência social. Neste caso, o emprego em creches respondeu pela metade desse volume. Além disso, a queda de 52,5% do emprego em consultórios dentários (-503 mil empregos) e a eliminação de quase 500 mil empregos em consultórios médicos e consultórios outros profissionais da saúde. Nos hospitais foram fechados 135 mil postos de trabalho em abril.

Todas essas informações disponibilizadas pelo *Bureau of Labor Statistics* parecem confirmar tendências visíveis nos dados do Departamento do Trabalho estadunidense sobre a explosão dos pedidos de seguro desemprego e a origem setorial dos solicitantes sob os efeitos da pandemia. Também expressam a profunda flexibilidade do mercado de trabalho norte americano que, com a limitada regulação pública, reflete todas os impactos da crise sem mediações ou freios. Algo significativo para a compreensão dos acontecimentos no Brasil. Também refletem a precária capacidade do governo atuar diante da crise. Por fim, destacamos que esses dados captam os efeitos no primeiro mês completo da crise econômica e sanitária nos EUA. Tudo indica que a crise será longa e a recuperação lenta.